

MÁTRIA XXI

8

REVISTA DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
PROF. DOUTOR JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO

2019

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
PROFESSOR DOUTOR JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO

Mátria XXI

- n.º 8 -



Santarém • Maio 2019

Observações sobre turismo balneatório no Ocidente hispano-romano

Armando Redentor¹

Resumo

A importância das águas mineromedicinais não passou despercebida na Antiguidade. O seu aproveitamento é-nos documentado pelas fontes antigas e pelos restos arquitectónicos que a arqueologia vem desvendando, mas dos utilizadores dos balneários terapêuticos, nomeadamente dos hispânicos, quase só sabemos pela epigrafia, isto é, pelo estudo de inscrições associáveis a esses estabelecimentos.

A prática balneatória dos aquistas conciliava a componente médica com uma dimensão religiosa e são precisamente os testemunhos epigráficos de natureza votiva que melhor permitem uma aproximação à procura que tiveram os espaços associados às águas curativas ou com efeitos favoráveis à saúde.

¹ Doutorado em História, especialidade de Arqueologia, pela Universidade de Coimbra, com a tese *“A cultura epigráfica no conuentus Bracaraugustanus (pars occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana (2011)”*. Investigador integrado no Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património, sedado na Universidade de Coimbra. Membro do Conselho de Redacção da *Hispania Epigraphica* e da equipa da *Hispania Epigraphica Online*. Membro da *Association Internationale d'Épigraphie Grecque et Latine*. Vencedor do Prémio CIJVS 2018, com o trabalho científica, *“Observações sobre turismo balneatório no Ocidente hispano-romano”*.

Partindo do estudo do material epigráfico referente aos balneários do Ocidente hispânico, propõe-se uma abordagem à mobilidade geográfica ligada a alguns desses espaços, considerando determinados dados associados à identificação dos indivíduos referenciados nas inscrições.

Palavras-chave: balneários – hidroterapia – mobilidade – epigrafia – arqueologia

Abstract

The importance of the mineral-medicinal waters did not go unnoticed in Antiquity. Its use is documented by some ancient Latin and Greek authors and by the architectural remains that archaeology has been uncovering, but the users of the spas, namely in Hispania, are mainly identified by the study of Roman inscriptions linked with these establishments.

Both the medical intervention and the religious dimension are present in bathing practice of the bathers/patients, so the votive monuments are the best ones to allow an approach to the demand that had the buildings related to waters with therapeutic properties.

Starting from the study of the epigraphic material referring to the spas of the Western façade of Hispania, it is proposed an analyses on the geographical mobility linked to some of these buildings, taking into consideration certain data concerning the identification of the individuals referenced in the inscriptions.

Keywords: spas – hydrotherapy – mobility – epigraphy – archaeology

Na Antiguidade greco-romana, a par do florescimento e afirmação da medicina, a que imediatamente associamos uma galeria de nomes sonantes, como Hipócrates, Erasítrato e Asclepíades, no campo grego clássico e helenístico, ou Galeno, Sorano, Oribásio e, inclusive, Celso, no mundo romano, é reconhecível o desenvolvimento de deslocações mais ou menos temporárias de indivíduos em busca de cura ou de um padrão de vida saudável, procurando centros de tratamento e bem-estar.

Nas diferentes províncias romanas, identificam-se locais que, durante o período alto-imperial, se destacaram pela sua fama terapêutica e atraíram fluxos dessa natureza que, em linguagem hodierna, podemos rotular como de turismo medicinal (ISRAELOWICH, 2015: 110-134). Contam-se, entre eles, célebres templos de Asclépio na parte oriental do Império, como os de Atenas, Cós, Epidauro ou Pérgamo, fontes e estâncias de águas com propriedades curativas, como *Allianoi*, na Ásia Menor, ou *Baiae*, na baía de Nápoles, e, ainda, cidades importantes, como Roma, Éfeso e Alexandria, nas quais se concentravam médicos de elevada reputação.

As características físico-químicas das águas são, claramente, decisivas, factor distintivo dos diversos aproveitamentos balneares. Para além de renomadas estâncias, de cuja importância há registo, por exemplo, nos tratados de medicina ou em obras antigas mais generalistas ou técnicas, como nos trabalhos de Plínio (*u. g. N. H.*, 31. 1-8 e 32)² ou de Vitrúvio (*De arch.*, 8. 3. 4-5 e 17), muitos outros lugares conheceram a utilização dos recursos hidrogeológicos com qualidades particulares para fins medicinais.

Estas referências, entre outras, são inclusivamente sinal de que a importância e o conhecimento dos benefícios das águas eram algo

² Refira-se que Plínio tem uma secção da sua *Naturalis Historia* inteiramente dedicada à água, a qual corresponde precisamente ao livro 31.

adquirido e consensualizado (ISRAELOWICH, 2015: 110-134), pelo menos no seio da população mais esclarecida. Neste sentido, não será insólito depararmo-nos, por entre as recomendações de visita a diversos lugares da área bilbilitana que Marcial, nos seus *Epigramas*, realiza ao amigo e conterrâneo *Valerius Licinianus* numa óptica de desfrute e lazer, com o facto de não ser descurada, por exemplo, a qualidade termal associada aos mananciais da região, os quais, designa de Congedo (identificáveis com Alhama de Aragón, junto ao Jalón), ilustrando a importância que detém o uso das águas desta natureza:

Nadarás nos tranquilos charcos do túbio Congedo / e nas agradáveis balsas das ninfas, / e teu corpo, relaxado nelas, o vigorarás no escasso caudal do / Jalón, que tempera o ferro (Epig., 1.49)³.

É também em Marcial que se encontra referenciada uma das estâncias de veraneio e de águas termominerais mais celebradas no mundo romano, acumulando diversas alusões. Trata-se de *Baiae*, recanto itálico na dependência da cidade de *Cummae*, cujos atractivos e singularidade atesta, referindo-se-lhe como costa dourada da abençoada Vénus e presente sedutor da Natureza (*Epig.*, 11.80)⁴.

Baiae é caso paradigmático pela nomeada que granjeou na Antiguidade, tendo-se tornado num dos destinos mais em voga a partir dos finais do século I a. C. A seu propósito, Plínio (*N. H.*, 31. 2) declarou que em mais nenhum lugar, abundavam tantas águas ou ofereciam maior variedade de propriedades curativas. Não admira que, em face da localização costeira, da amenidade e beleza que lhe andavam associadas e da qualidade das suas águas, se tenha tornado num pólo de reunião para a nata itálica, incluindo imperadores e personagens abastados, na procura dos benefícios para a saúde associados à hidroterapia ou, inclusive, da cura, mas também do puro

³ Tepidi natabis lene Congedi uadum / mollesque Nympharum lacus, / quibus remissum corpus adstringes breui / Salone, qui ferrum gelat.

⁴ Litus beatae Veneris aureum Baias / Baias superbae blanda dona Naturae.

convívio e da diversão (JACKSON, 1990: 5), pelo que a crítica moral realizada por Marcial, ao aludir à corruptora *Baiae* (*Epig.*, 1. 62), radicar-se-á na afamada atractividade desta paragem, onde o ambiente vivido se prestaria ao desenvolvimento de uma sociabilidade muito própria que chegaria a raiar a licenciosidade.

II

No Ocidente peninsular, e em especial no Noroeste, há vasta concentração de surgentes com propriedades mineromedicinais, frequentemente termiais, muitos deles identificados e aproveitados desde a Antiguidade (DÍEZ DE VELASCO, 1985 e 1998; GONZÁLEZ SOUTELO, 2012b e 2012-2013).

Da sua exploração em época antiga, pode haver comprovação quer por vestígios materiais, quer tão-só por alguma referência documental ou bibliográfica. A informação é, assim, diferencial, mas os balneários mais bem ilustrados pela via arqueológica espelham sempre uma estrutura arquitectónica e organizacional própria, muito vinculada às características dos mananciais e às necessidades terapêuticas (GONZÁLEZ SOUTELO, 2014: 206-207) e de acolhimento dos aquistas. Casos como os dos balneários de Lugo, Ourense, Chaves ou Alange, relativamente aos quais os registos arqueológico e arquitectónico têm vindo a revelar a respectiva espacialidade, espelham bem essa orientação.

A variedade tipológica é, todavia, uma das características dos estabelecimentos hidroterapêuticos hispânicos occíduos. Para lá das populares *Aquae*, cuja denominação não tem, porém, implicação directa no tamanho dos núcleos em que se integram, há a considerar balneários urbanos e balneários centrados em núcleos de povoamento inferiores, mas também fontes com arranjos sumários e,

eventualmente, santuários (DÍEZ DE VELASCO, 1998: 18-49)⁵, sendo que os impactos de cada um destes tipos na sua envolvente ou, inclusive, no próprio contexto regional terão sido bem diferenciados.

E se a localização geográfica não foi irrelevante, a qualidade das águas terá sido factor determinante no sucesso de cada um deles.

Edificados em função do determinismo hidrogeológico, foram não só factor gerador de povoamento, mas também de estruturação da rede viária (*ibidem*: 51-52), a qual, por sua vez, passou a favorecer a deslocação de pessoas com destino a essas estâncias: de simples aquistas e doutros indivíduos atraídos pelas oportunidades abertas com o funcionamento desses locais, criando processos de verdadeira dinamização territorial.

Como se frisou, o facto de as águas com propriedades especiais – e as suas possibilidades de utilização – serem um assunto especificamente abordado pelos autores antigos, como o naturalista Plínio ou o arquitecto e tratadista Vitruvius, permite suportar a ideia de que existia uma rede florescente de locais para os quais se terão encaminhado fluxos constantes de aderentes a esta vertente do turismo medicinal. Os utilizadores dos estabelecimentos hidroterapêuticos podem ter saído de um arruamento próximo, de uma localidade vizinha da estância termal ou de paragens bem mais afastadas. A mobilidade que implicaria vencer distâncias não compatíveis com movimentos diários não terá sido conciliável com estadas demasiado curtas, estimando-se que os aquistas ficassem duas a três semanas nesses destinos, nos quais deveriam existir condições para o seu acolhimento e estadia (YEGÜL, 2010: 50; ISRAELOWICH, 2015: 122).

⁵ A hipótese de, nas Caldas de Monchique (Faro), ter existido um santuário relacionado com as águas foi avançada por Frade (1993: 890, n.º 40), sendo admitida por Díez de Velasco (1998: 31, n.º 2.6/1); o exemplo de Guitiriz (Lugo), apontado por este último (*ibidem*: 33-34, 2.7/2), parece-nos pouco provável (REDENTOR, 2017b: 471, n. 8).

III

O que aspiramos detalhar nesta incursão ao mundo dos balneários do Ocidente hispânico é uma questão que pertinentemente se associa às problemáticas da mobilidade geográfica e dos movimentos populacionais, assuntos que a investigação contemporânea trouxe para a ribalta apenas na segunda metade do século transacto. Curiosamente, os estudos sobre o tema na Hispânia conheceram desafio a partir dos anos 70, revelando-se o material epigráfico provincial terreno frutuoso para o tema⁶.

Aquilo que procuraremos avaliar, sem intuito exaustivo, são alguns casos de deslocações que, com clareza, se podem associar aos estabelecimentos de águas mineromedicinais da Antiguidade. Uma questão primordial para esta análise será a determinação exacta das inscrições antigas que podemos colocar em relação com estes espaços e, mais concretamente, com os seus utilizadores, uma vez que nem sempre surge facilitada essa adscrição, considerando que, amiúde, os achados não ocorrem directamente vinculados às estruturas balneares, importando, por parte dos investigadores, proceder a uma criteriosa triagem (DÍEZ DE VELASCO, 1998: 14; REDENTOR, 2017b: 469).

A comunicação epigráfica pode assumir aí múltiplas facetas, mas interessa privilegiar a que se reporta directamente aos frequentadores desses locais. A sua marca surge maioritariamente num tipo particular: as inscrições votivas, que documentam o cumprimento de *uota* estabelecidos entre os dedicantes e as divindades, uma vez que, ao processo curativo estritamente médico por via hidroterapêutica, anda ligada uma dimensão religiosa.

⁶ Sobre a questão, veja-se Haley (1991), cuja monografia dedicada à análise interligada das migrações e da economia na Hispânia imperial se afirmou como um marco destes estudos em termos peninsulares.

Em razão de se afigurarem como fenómenos naturais extraordinários, os mananciais de águas especiais, em particular os termais, à semelhança das nascentes fluviais ou de bosques, eram passíveis de ser atribuídos a uma divindade (DÍEZ DE VELASCO, 1998: 11-12; SAMAMA, 2015: 21-22). Deste modo, a sacralidade de uma determinada água é ditada pela pertença a um ente divino, não decorrendo de uma qualquer singularidade compositiva (SCHEID, 2015: 38); e a que serve para as práticas médicas é a que, pelas suas características físico-químicas, se revela adequada para o efeito, dádiva da divindade proprietária do surgente. Ilustrativamente, a organização arquitectónica dos santuários de nascentes termais é, neste aspecto, bem esclarecedora, ao verificar-se a relação directa entre os espaços cultuais e o manancial, que aí permanece inacessível, como podem exemplificar os casos de Bath (Grã-Bretanha) ou de Jebel Oust e de Zaghouan (Tunísia) (*ibidem*: 38-44).

Centraremos a nossa observação num conjunto limitado de balneários nos quais há registo de *alieni*, isto é, de indivíduos identificados, efectiva ou conjecturalmente, como estando deslocados, em princípio, por um tempo limitado. Para o reconhecimento destes, diversos tipos de inscrições e múltiplos critérios podem ser cruzados, mas focar-nos-emos, por um lado, nas referências expressas a indicações de proveniência ou origem, em função dos modos correntes de o fazer na linguagem epigráfica⁷ e, por outro, na inferência de estatutos de ordem jurídica ou social correlacionáveis com altos cargos dirigentes ou do funcionalismo administrativo, a que, inclusivamente, se poderá aditar alguma consideração mais vasta de base prosopográfica.

⁷ Para uma análise alargada das possibilidades de identificação de *alieni* em função da diversidade dos tipos de inscrições e seus conteúdos, veja-se a síntese produzida por Haley (1991: 12-24) com base na realidade hispânica.

Decerto, uma escrupulosa análise onomástica poderá também trazer alguma luz a este tema, como, na esteira de Gómez Pantoja (1997), ensaiou Andreu Pintado (2012: 339-340) com respeito ao culto das ninfas no balneário de *Lucus Augusti*, no aro ourensano, ou, na área de *Capara*, em função do balneário de Baños de Montemayor, locais para onde defende uma extraordinária representação de *alieni*, que, por exemplo, neste último caso considera bem superior à existente no município caperense.

A metodologia empregue consiste em comparar o perfil onomástico dos dedicantes de estatuto quiritário com os *nomina* reconhecíveis nos epitáfios do âmbito geográfico correspondente à área de ocorrência do culto, mas não se poderá perder de vista que, num exercício como este, o acerto dos resultados está amplamente dependente de variáveis importantes relacionadas com a quantidade e representatividade da documentação epigráfica para os contextos territoriais visados. Além do mais, deve atender-se a que o cosmopolitismo é, amiúde, realidade associada a determinados aglomerados populacionais, nomeadamente urbes de referência onde, por exemplo, se concentram funções administrativas e económicas importantes, como em *Lucus Augusti*, pelo que a presença de indivíduos cuja onomástica aponte origem forânea poderá simplesmente justificar-se pela composição social de uma cidade ou de um território onde também haja um estabelecimento de águas⁸.

⁸ Pode ser o caso, também observado por Andreu (2012: 340), de um *M. Hortensius [Maxi]minianus* (AE 2000, 753) e de um *L. Larc(ius) Cl(audianus?)* (AE 2000, 757) que, no balneário de *Lucus Augustus*, consagraram altares às ninfas, mas que possivelmente são indivíduos residentes na cidade, onde terão preenchido, ainda que temporariamente, algum posto ou tido ocupação destacados. No respeitante ao balneário da *ciuitas Auriensis*, será de salientar que González Rodríguez (2012: 65), apresentando as últimas novidades epigráficas directamente vinculadas ao espaço e referentes ao culto de *Reue/Reuue Anabaraego* – que não estiveram na mira do trabalho antes citado –, se decide peremptoriamente pela adscrição a esse território dos dedicantes associados aos altares

Para a finalidade ambicionada de análise de mobilidades directamente ligadas ao poder atractivo dos banhos curativos, as conclusões de base onomástica, ainda que lhes possamos reconhecer carácter indiciário, não oferecerão as melhores garantias porquanto não caucionam a possibilidade de discernir entre alguém que, apesar de rastreável como alóctone, pode estar radicado numa cidade balnear ou aro mais imediato de um balneário e os que expressa e temporariamente se deslocam num contexto de puro turismo de cura e bem-estar ou a reboque de funções que lhes permitem esse movimento. Deste modo, não entraremos em linha de conta com uma análise deste género, centrando a atenção nos casos em que a opção pela indicação de proveniência ou de cargos e/ou estatutos torna menos resvaladiças as conclusões, dado que essas notações de natureza geográfica ou funcional nos parecem, pela sua intencionalidade, revelar-se mais assertivas para definir efectivas deslocações temporárias.

A norte do Douro, os utilizadores de águas terapêuticas que têm origem conhecida apontam para mobilidades internas e externas ao espaço conventual em que aquelas se inserem, concretamente o bracaraugustano. Documentam-se *alieni* nos balneários de Baños de Molgas (Ourense), de Ourense (Ourense) e de Caldas de Vizela (Braga), bem como, plausivelmente, nos de Caldas de Reis (Pontevedra) e de Chaves (Vila Real).

Em Baños de Molgas, estabelecimento de águas termais (47º C) do qual não se conhecem dados da configuração arquitectónica, mas onde se comprova o funcionamento em época romana por restos construídos, nomeadamente do sistema de canalização, e outros achados

estudados, valorando a ausência de indicação de proveniência, mesmo que, por exemplo, o gentílico *Faberius*, sem outro testemunho hispânico (ABASCAL, 1994; *OPEL* II), pareça apontar para uma vinculação extrapeninsular do indivíduo que o porta, plausivelmente um liberto.

diversos (DÍEZ DE VELASCO, 1985: 82; 1998: 39-40; GONZÁLEZ SOUTELO, 2011, com bibliografia anterior), um *Aurelius Flaus* dedica às ninfas sóbrio altar (*EE IX 283b*; *IRG IV, 76*; *Aquae Flaviae*² 65; *HEp 2, 518*)⁹, datável do século III, identificando-se como originário da comunidade cívica dos *Tamagani* (GUERRA, 1998: 621-622), que devemos situar na área do vale superior do Tâmega (*TIR, K-29*: 100).

De utilizadores de estâncias balneatórias bracaraugustanas com proveniências mais distantes, que, inclusive, ultrapassam as fronteiras calaicas, temos registos em Ourense e em Caldas de Vizela.

O balneário de As Burgas, situado na cidade galega, emprega águas hipertermais (61,8º-66,4º C) (ARAÚJO *et al.*, 2012: 21) e as escavações aí realizadas, em 1987-1988, 1996 e entre 2005 e 2010, permitem hoje o entendimento de um sector nuclear da arquitectura termal deste aproveitamento cuja actividade se inicia na primeira metade do século I d. C. Reconhece-se, desta fase, como elemento fulcral da organização do edifício, uma piscina abobadada, possivelmente de planta rectangular, integrada em espaço fechado por estilóbato conformando pátio porticado que daria acesso a outras dependências. Aí se exumaram diversas epígrafes, nomeadamente dedicadas a *Reuue Anabaraego*, ex-votos monetários e um camafeu vítreo. Manteve-se em funcionamento até meados do século II (RODRÍGUEZ CAO & CORDERO MAAÑÓN, 2012).

Ali ocorreu, plausivelmente em algum momento não muito avançado do século II, *Calpurnia Abana*, identificada no texto do altar que dedica às ninfas (*CIL II 2527*; *IRG IV 74*; *Aquae Flaviae*² 66)¹⁰, dizendo-se *Aebosocelensis*. Esta indicação parece remeter para uma proveniência coincidente com a área vetã da Lusitânia, considerando-se paralelo toponímico documentado em inscrição de Cória (*AE 1952, 130*

⁹ O texto da inscrição é o seguinte: *Aurelius / Flaus / Tamtacanus (!) / Nymph' hi' s / ex uoto*.

¹⁰ O conteúdo textual é o seguinte: *Nymphis / Calpurn/ia Abana / Aeboso(celensis?) / ex uisu / u(otum) s(oluit) l(ibens)*.

+ AE 1958, 17) e outros de natureza antroponímica (GUERRA, 1998: 260-263). As restantes inscrições votivas aí vinculadas estão dedicadas a *Reuue/Reue Anabaraego* (GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, 2012; REDENTOR, 2017b: 474), mas não existem, por ora, dados objectivos que permitam descrever o voto desta mulher como projecção de usos religiosos decorrentes de outras áreas com aproveitamentos hidroterapêuticos (PRÓSPER, 2009: 204)¹¹.

O balneário de Caldas de Vizela associa-se a águas hipertermais (65º C), repousando o conhecimento das estruturas balneares romanas em relatos de diversas ocorrências que, a partir do século XVIII, colocaram a descoberto vestígios materiais, como tanques e compartimentos em abóbada, revestimentos em mosaico, além de outros restos, sendo rastreável uma ocupação para o contexto vizelense que remonta ao século I d. C. (QUEIROGA, 2013).

Vinculada a este espaço esteve divindade indígena que aí se identifica, quer apenas pelo epíteto *Bormanico*, quer pela sua associação à forma teonímica *Reo*, a qual se tem por equivalente a *Reue* (REDENTOR, 2013; *idem*, 2017b: 471). *C. Pompeius Gal. Caturonis f. Mei[d]ugenus* que, nesse contexto, consagra a *Reo Bormanico* um ímpar monumento epigráfico (*CIL* II 2403 e 5558; REDENTOR, 2017a: II, 44-46, n.º 34)¹², diz-se *Vxamensis*, uma *origo* que habitualmente se relaciona com *Vxama Argaela*¹³, localizada na Meseta celtibérica. Esta interessante inscrição, não anterior ao século II, tem a particularidade de incluir um dístico pouco habitual nas epígrafes votivas, e claramente excepcional ao nível

¹¹ Nas imediações de Ourense há outros registos epigráficos do culto às ninfas: em Alongos (*CIL* II 5625 = *IRG* IV 77 = *Aquae Flauiae*² 68), referindo-se umas *nymphae Silon(i)s*; em Amoeiro (*Aquae Flauiae*² 69), atinente a *nymphae saluales*; e em Canedo (*IRG* IV 78 = *Aquae Flauiae*² 70 = *HEp* 10, 388), visando as *nymphae marinae*.

¹² O texto da inscrição é o seguinte: C(aius) Pompeius / Gal(eria) Caturon(is) f(ilius) Mei[d]ugenus Vx/samensis / Reo Borma/nico u(otum) s(oluit) l(ibens) / quisquis ho/norem agi/tas ita te tua / gloria seruet / praecipias / puero ne / linat hunc / lapidem.

¹³ *Vxama Barca* (PTOL., *Geog.*, 2. 6, 53), Osma de Valdegobia, Álava, será também hipótese a ponderar, ainda que as simples menções a *Vxamenses* comumente se relacionem com a cidade de *Vxama Argaela* (PTOL., *Geog.*, 2. 6, 56), Burgo de Osma, Burgos.

do Noroeste, correspondente à seguinte exortação: «*quisquis honorem agitas ita te tua gloria servet praecipias puero ne linat hunc lapide*». A sua aclaração tem sido objecto de diversificadas reflexões (cf. ENCARNAÇÃO, 2011: 169-171), mas é possível interpretá-lo como apelo à grandeza de espírito dos que dão atenção à religião, exortando-os a zelar pela integridade do monumento, defendendo-o da imprevisibilidade comportamental dos mais novos (REDENTOR, 2017a: I, 596-597; *idem*, 2013: 222-223).

Entre as antiguidades romanas de Caldas de Vizela, há também uma inscrição monumental, correspondente a uma arquitrave constituída por três faixas lisas fazendo sacada umas sobre as outras, de acordo com o modelo jónico, mas sem remate superior (*idem*, 2017a: II, 139-140, n.º 175), que condirá com elemento estrutural de uma importante edificação que foi dedicada por *T. Flavius Archelaus Claudianus* (CIL II 2408)¹⁴, talvez originário da Lídia (ALFÖLDY, 1969: 110) e que terá desempenhado as funções de *legatus iuridicus* com competência estendida a toda a *Hispania citerior* (TRANOY, 1981: 393), no século III¹⁵. Esta acção munificente, considerando que terá sido a função banear o aspecto distintivo do aglomerado secundário romano coincidente com a vila actual, poderá ter tido ligação com a arquitectura termal, fale-se de intervenção no espaço terapico propriamente dito ou noutra estrutura arquitectónica que lhe estivesse associada, como uma fonte ou um ninfeu (REDENTOR, 2017a: I, 206; *idem*, 2017b: 479).

Em *Aquae Flaviae*, a actual Chaves, o liberto imperial *Aur(elius) Dionysius*, cuja vinculação à administração se afigura bem plausível,

¹⁴ Ostenta o seguinte texto: Dedicavit T(itus) Flavius Archelaus Clau/dianus leg(atu)s Aug(usti).

¹⁵ Têm-se avançado, como possibilidades, ser este legado um dos filhos de T. Flavius Archelaus, magister dos Frates Arvales no tempo de Heliogábalo (Fasti Sacerdotum 1669), e irmão do cônsul ordinário do ano 267, Archesilaus (cf. SCHEID, 1990: 449f).

surge como dedicante às ninfas num suporte (*CIL* II 2474 = 5726; *RAP* 417; *AquaeFlaviae*² 71)¹⁶, posterior aos meados do século II, que se presume estar relacionado com o ambiente do balneário romano.

Tratando-se de um bloco arquitectónico, a ligação com a estrutura deste edifício é conjecturável. O espaço correspondente a esta construção, associada a águas hipertermais (73º C), foi, a partir de 2006, objecto de trabalhos arqueológicos de fôlego, os quais permitem, hoje, conhecer uma parte notável da organização interior que a caracterizava, onde se identificam dez piscinas, duas delas de grandes dimensões, uma *palestra*, um pequeno *nymphaeum*, bem como um complexo sistema de abastecimento e escoamento, com uma cronologia ocupacional romana balizada entre o século I d. C. e o dealbar do V (CARNEIRO, 2017).

Não se imagina possível, todavia, adiantar algo de concreto a respeito do papel daquele liberto imperial na engrenagem provincial, considerando a panóplia de funções, no âmbito administrativo, fiscal e militar, que estavam reservadas a esse grupo (BOULVERT, 1974: 111-198; SERRANO DELGADO, 1988: 39-51), ainda que, neste caso, a proximidade da área mineira da serra da Padrela possa tornar desafiante a cogitação da sua relação com o cargo de *procurator metallorum*, o responsável directo pela administração das minas (DOMERGUE, 1990: 295-301; CHRISTOL & DEMOUGIN, 1990; SASTRE & OREJAS, 2000: 284-290).

Epagathu(s) Deuteri Aprilis Caes(aris) dis(pensatoris) ser(ui) uic(arius) tem menção como dedicante de altar, datável da segunda centúria avançada ou inícios da seguinte, relacionado com o balneário de Caldas de Reis. A dedicatória *Edouio* que apresenta identifica-se com nume indígena que aí tem registo exclusivo, verosimilmente

¹⁶ Tem o seguinte texto: [N]ymph[i]s Aur(elius) / Dion[y]s[i]us / Aug(usti) lib(ertus).

relacionado com as águas mineromedicinais (LÓPEZ BARJA & RÚA CARRIL, 2011: 301; *HEp* 2014, 423; REDENTOR, 2017b: 473; outro altar à mesma divindade: *CIL* II 2543 + *CIRG* II 73)¹⁷.

A identidade do dedicante é assaz singular, apresentando-se como vicário dum escravo na posse de um escravo imperial que exerceu funções de *dispensator*, logo, integrado no funcionalismo subalterno da administração. A intervenção destes intendent designados por *dispensatores* é conhecida na gestão de *metalla publica*, na máquina fiscal, nas unidades militares e na administração provincial (BOULVERT, 1974: 111-198; LÓPEZ BARJA & RÚA CARRIL 2011: 300-301), pelo que será de suspeitar que a presença deste vicário no balneário possa corresponder a uma deslocação com finalidade curativa, favorecida pela conexão com um eixo viário principal¹⁸.

Relativamente a esta estância de águas termais (47º C), cuja localização é coincidente com a *mansio* da via romana XIX do *Itinerário de Antonino* designada de *Aquae Celenae* (*Itin. Ant.*, 423, 8 e 430, 3), conhecem-se, em torno dos mananciais, diversificados vestígios arquitectónicos, numismáticos e epigráficos (PÉREZ LOSADA, 2002, 140-153; GONZÁLEZ SOUTELO, 2011; LÓPEZ BARJA & RÚA CARRIL, 2011).

Em território da Lusitânia, são dois os estabelecimentos relativamente aos quais a documentação epigráfica oferece ensejo para conjecturar sobre a mobilidade dos seus aquistas: Alanje (Badajoz) e Baños de Montemayor (Cáceres), precisamente situados

¹⁷ O texto da inscrição em causa é o seguinte: *Edouio / Epaga'th'u(s) / Deuteri A/prilis Caes(aris) / dis(pensatoris) ser(ui) uic(arius) / uo(tum) s(oluit) l(ibens) a(nimo)*.

¹⁸ López Barja e Rúa Carril (2011: 302) não deixam de admitir, ainda que sem argumentos probatórios, que pudesse estar localizada em *Aquae Celenae*, pelo menos no século II, uma oficina de escravos imperiais, talvez associada à gestão do património imperial, das minas ou à cobrança fiscal.

na parte central do *conuentus Emeritensis*, uma das áreas da *prouincia* – correspondente ao seu quadrante central e oriental – de maior concentração de mananciais de águas com propriedades terapêuticas (ANDREU PINTADO *et al.*, 2010: 3).

O de Baños de Motemayor, associado a águas termais (43º C), é plausivelmente o mais relevante centro balneatório lusitano do ponto de vista da informação epigráfica associada, nomeadamente de carácter votivo, com destaque para uma vintena de altares vinculados ao culto das *nymphae*, por vezes identificadas como *Caparenses* (ANDREU PINTADO, 2010: 202-203, tabla III; *idem*, 2012: 345, tabla 1), a que se somam duas dedicatórias a *Salus* (CPILC 63 e 64). Esta particularidade cultural tem ditado que se equacione a dependência administrativa desta estância termal relativamente à cidade romana de *Capara/Capera* (PLIN., *Nat. Hist.*, 4, 118), uma vez que se localiza no traçado da via XXIV do *Itinerário Antonino*, dita da Prata, entre a *mansio* correspondente àquele núcleo urbano e a que se lhe segue para norte, *Caelionico* (*Itin. Ant.*, 433, 7 e 434, 1).

Da edificação romana apenas se divisa uma pequeníssima parte, reconhecendo-se objectivamente uma peculiar sala circular com piscina de idêntica forma, pelo menos com um degrau, destinada a banhos, característica arquitectónica que tem outros paralelos nos complexos termais mineromedicinais (GONZÁLEZ SOUTELO, 2013), como também acontece em Alange.

A composição que se desprende da análise dos nomes dos dedicantes do material votivo é extremamente variada, mas não socialmente elevada, incluindo cidadãos romanos, *peregrini*, libertos e, até, escravos (ANDREU PINTADO, 2012: 338) e apenas num caso se regista uma indicação de proveniência como complemento da identificação individual. A análise onomástica referente aos *nomina* dos dedicantes às ninfas neste balneário levou Andreu Pintado (2010:

200-202; *idem*, 2012: 340-341) a considerar a presença de um maior número de *alieni* relativamente a residentes do território de *Capara*¹⁹, donde conclui por um notável raio de influência do estabelecimento de banhos, que se estenderia a cidades mais afastadas, como *Norba*, *Caurium*, *Turgalium* ou à própria capital conventual. Curiosamente, a indicação de proveniência assinalada respeita a uma mulher, *Vitia Ammira* (*CIL* II 885; *CPILC* 62)²⁰, que se diz *Lame(n)sis*, isto é, procedente de *Lama* (*PTOL. Geog.* 2,5,7), um assentamento cuja localização é ainda discutível, apesar de a correspondência com Plasencia vir tendo acolhimento (*GUERRA*, 1998: 473-474; *BA* 26 D1), o que, neste caso, afirma uma deslocação muitíssimo curta que poderá não ultrapassar as fronteiras da *ciuitas* caparensis (cf. *ROLDÁN*, 1968-1969: 22).

Não deixando de admitir como indiciários aqueles resultados e considerando o poder de atracção do estabelecimento, naturalmente pela especificidade das suas águas e por se encontrar bem comunicado pela via da Prata, será mesmo admissível que servisse os residentes de *Emerita Augusta*.

Mais próximo da capital conventual, escassas milhas a sul, situava-se o balneário de Alange. Este apresenta, relativamente ao de Baños de Montemayor, maior dimensão, sendo característica da sua organização arquitectónica a existência de duas salas de banhos cobertas por abóbadas semiesféricas, de provável cronologia alto-imperial, com piscinas centrais redondas dispondo de 3 degraus de acesso, nas quais circulam as águas mesotermiais (28º C) que aí brotam, funcionando como espaços centrais de um edifício de planta

¹⁹ Como prolongamento desta análise, também advoga que os casos em que as dedicatórias estão realizadas às *nymphae Caparenses* ou *Caparensium* teriam a ver com votos levados a cabo por residentes no âmbito cívico de *Capara*, dispensando os forâneos essa precisão (*ANDREU*, 2010: 202).

²⁰ O texto do altar em causa é o seguinte: [*Nymph*]/is [*C*]a[p(*arensium*)] / *Vitia A/mmira* / *Lame(n)sis* / *u(otum) l(ibens) a(nimo) s(oluit)*.

simétrica com dependências duplicadas (ÁLVAREZ MARTÍNEZ, 1972 e 1973; DÍEZ DE VELASCO, 1998: 38; CARMONA 1999; CARMONA & CALERO 2014).

Porém, neste caso, a epigrafia está praticamente ausente. Excepção feita para uma inscrição marmórea notável e simultaneamente pouco habitual em contextos balneários por ter sido ofertada a *Iuno Regina* (CIL II 1024)²¹, ainda que não pareça ter em Alange outro sentido senão o de testemunhar uma cura (DÍEZ DE VELASCO, 1998: 34). Revela-nos uma família da elite romana: *Lic(inius) Serenianus u. c.* e *Varinia Flaccina c. f.* dedicaram o altar pela saúde da filha de ambos, *Varinia Serena*. A relação destes *clarissimi* com aquele lugar apenas é inteligível num contexto de deslocação com finalidade terapêutica, procurando o restabelecimento da descendente, como, de resto, a própria inscrição indica²². O recorte sociológico dos dedicantes justificará o facto inusitado de ter sido *Iuno* eleita para operar na cura, pois o estatuto desta família terá ditado a escolha de uma divindade capitolina, representante do poder romano na vertente feminina e, assim, oportuna num contexto em que estão em causa mulheres da ordem senatorial (*ibidem*: 116-117). Apesar de invocada com o epíteto soberano de *Regina* (DURY-MOYAERS & RENARD, 1981: 168-175), não deixa de ser protectora das mulheres e principalmente da caminhada das jovens até ao matrimónio (GRUPO TEMPE, 2009: 239). De todo o modo, este caso evidencia a possibilidade de contrastar a presença de indivíduos de grau estatuto social com a especificidade da localização dos balneários,

²¹ O seu texto é o seguinte: *Iunoni Reginae / sacrum / Lic(inius) Serenianus u(ir) c(larissimus) et / Varinia Flaccina c(larissima) f(emina) / pro salute filiae su'ae' / Variniae Serenae / dicauerunt*.

²² A origem lusitana ou bética de *Lic. Serenianus*, cujo acesso ao senado terá ocorrido em tempos de Alexandre Severo e que desempenhou o cargo de *leg. Aug. pro pr. Cappadociae* sob Maximino, não se encontra aclarada, mas é descartável uma relação com o núcleo de povoamento que se associaria ao balneário (CABALLOS RUFINO, 1990: 179).

sobretudo se estivermos, como aqui, em face de estabelecimentos rurais, o que redundaria em estratégia positiva no respeitante ao estudo do turismo balneatório.

IV

Os casos trazidos à colação neste breve excurso por alguns dos balneários do Ocidente hispânico, que procurámos ressaltar a partir da epigrafia, afiguram-se-nos positivos no sentido da análise pretendida quanto à mobilidade associada a esses espaços de cura e bem-estar. Privilegiaram-se os exemplos em que são referidas as proveniências dos indivíduos como complemento à sua identificação, bem como aqueles que elencam personagens de estatuto elevado ou com certa relação com a máquina administrativa imperial, ainda que a análise onomástica estrita, nomeadamente a realizada em função dos *nomina* de indivíduos de estatuto quiritário, possa revelar-se complementar, mas essencialmente indiciária.

Desde logo parece lógico admitir, em termos de conclusões a extrair, que se estará em face de movimentos individuais ou mesmo com enquadramento familiar – como a epígrafe do balneário de Alange ilustra – que poderemos considerar voluntários²³, com vista ao cumprimento de determinado propósito hidroterapêutico (pelo menos quando o registo corresponde ao cumprimento de *uota*).

Poder-se-á levantar a questão de saber se os movimentos detectados correspondem a primordiais razões de frequência dos balneários ou se estas terão sido meramente acessórias. Estando-se perante indivíduos ligados à administração provincial, ser-nos-á permitido pensar que as deslocações se fizeram no quadro mais alargado das suas funções, ainda que uma ida específica a

²³ A deslocação de famílias com filhos parece uma evidência nos banhos em geral e não apenas nos terapêuticos (FAGAN, 1999: 197).

determinado estabelecimento com finalidade curativa tenha implicado uma vontade ou propósito concretos e, decerto, as leituras a realizar deverão ainda ter em conta o estatuto de cada um. Afigurando-se verosímil que, no caso de personagens relacionados com altos cargos administrativos, a sua passagem por determinada estância tenha sido orquestrada num contexto oficial, noutros, nomeadamente ligados a indivíduos engrenados em cargos inferiores ou no funcionalismo subalterno, mais difícil será avaliar, atendendo ao desconhecimento da organização geográfica associada às suas obrigações ocupacionais.

É bem possível que a dedicatória do *legatus Augusti* na estância termal de Caldas de Vizela se possa entender fora de um contexto de cura hidrotermal. Mas, qualquer que seja a suposição que façamos relativamente ao *uicarius Epaphroditus* por via da sua relação com um *dispensator*, ela não será incontestável, ainda que seduza ler esta presença no balneário de *Aquae Celenae* como resultado de deslocação propositada, na falta de dados concretos que induzam a ver na capital dos *Caeleni* uma oficina imperial, como também o não será para o caso do liberto imperial *Dionisyus*, que dedica em *Aquae Flaviae* algo de índole arquitectónica, podendo equacionar-se a sua ligação à área mineira da serra da Padrela, considerando localizarem-se estes *metalla* no *territorium* municipal encabeçado por aquela cidade (REDENTOR, 2010: 122).

A situação da família senatorial que marcou presença em Alange será, decerto, bem mais positiva na expressão da intencionalidade da viagem empreendida, apesar de se desconhecer o seu ponto de origem. Curiosamente, as águas deste aproveitamento distinguem-se, relativamente às dos restantes que citámos, pelo seu mesothermalismo, mas as demais características e o factor de

proximidade a *Emerita Augusta* devem ter tido papel determinante na sua procura.

Os que declaradamente se apresentam como *alieni* documentam movimentos extraconventuais e intraconventuais e, mesmo, no seio destes, de âmbito estritamente local, inseridos no quadro territorial da *ciuitas* em que se localiza o estabelecimento a que ocorrem (fig. 1). Será, sobretudo, no respeitante aos que se movimentaram desde paragens mais distantes que se poderá questionar se as suas deslocações terão sido realizadas por outras motivações que justificassem a sua permanência nos contextos geográficos em que se inserem os balneários onde surgem notados. Relativamente ao *Vxamensis* que levantou *sui generis* monumento na estância reconhecível em Caldas de Vizela, essa presunção foi já afirmada (DÍEZ DE VELASCO, 1998: 136), certamente tendo em consideração a frequência dos registos migratórios referentes a indivíduos com origem mesetenha (GARCÍA MERINO, 1973; HALEY, 1991), que sabemos presentes noutros lugares do Ocidente bracaraugustano, com particular relevância para os *Clunienses* no assentamento antigo de Vigo (REDENTOR, 2017a: I, 246).

Mas o caso de *Calpurnia Abana*, que no ambiente balnear ourensano dedica altar às ninfas, parece, a este respeito, ser mais significativo, desvelando a motivação da deslocação como tendo objectivo terapico e natureza religiosa. Acontece que a inscrição inclui a fórmula *ex uisu*, a qual remete para um acto decorrente de uma visão, de algo que se perspectivou no meio de um sonho (RÜPKE, 2007: 165-166), mas que não nos deixa perceber qual a grandeza da realização, para além do monumento que dedicou. Não obstante, a expressão, apesar de propostas em sentido oposto (DÍEZ DE VELASCO, 1998: 96 e 130), não significa obrigatoriamente que no local tenha sido

praticado o ritual da *incubatio* (SCHEID, 1992: 31, n. 26)²⁴, bem próprio de santuários ligados à cura (como os de Asclépio), aspecto que, na falta de dados mais substanciais, foi já justamente destacado para este caso (GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, 2012: 68). Nesta sequência, podendo a aparição ter acontecido alheada daquele contexto, numa visão prévia de carácter ninfoléptico (ANDREU PINTADO, 2012: 339), será, na verdade, tentador pensar que a ida da dedicante àquelas águas tivesse sido propositada e enredada nessa particular forma de comunicação entre os deuses e os humanos²⁵.

As implicações económicas associadas ao uso epigráfico têm obviamente de ser pesadas nestes contextos, uma vez que nem todos os utilizadores dos banhos com finalidade terapêutica terão deixado marca escrita da sua presença ou do seu comprometimento com uma divindade associada ao manancial ou ao seu intento de cura, pelo encargo adicional que esse acto representaria. O perfil social dos frequentadores dos balneários do Noroeste peninsular reflecte exactamente este estado de coisas ao estar longe de representar uma clientela eminentemente popular (REDENTOR, 2017b: 479). Os nomes que aqui passámos em revista não desdizem esta perspectiva, pois rastreámos indivíduos livres com estatuto de cidadania romana, em que se incluem figuras de estatuto senatorial, a par de um liberto e de um escravo relacionados com a casa imperial.

Evidentemente, os dados apresentados não autorizam mais que uma simples aproximação à questão do turismo balneatório, que afrontámos com base na mobilidade epigraficamente registada. Tanto

²⁴ Correspondente a ritual de pernoita num santuário em ordem a obter de determinada divindade, por intermédio de um sonho, a revelação de uma cura (*OCD*: 731-732, s. u. “incubation”).

²⁵ Aspecto também admitido por Díez de Velasco (1998: 96), ainda que contraditoriamente pela defesa de que a fórmula *ex uisu* remeteria para a prática ritual da *incubatio*.

a dimensão da amostra como a sua descontinuidade cronológica constituem severos óbices para observações mais apuradas. Ambos aspectos frustram qualquer boa intenção de descrever cabal e diacronicamente os fluxos que se direccionaram para os estabelecimentos de águas mineromedicinais, mas não inviabilizam o esboço de um fenómeno que, obviamente, temos de perceber e aceitar como mais lato e mais intenso do que aquele que é delineado pelas marcas que conseguimos colocar em evidência.



Fig. 1 - Mobilidades associadas aos balneários do Ocidente peninsular (Base cartográfica: Johan Åhlfeldt / Pelagios project).

Bibliografia

ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) – Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania. Murcia; [Madrid].

ALFÖLDY, G. (1969) – Fasti Hispanienses: Senatorische Reichsbeamte und Offiziere in den Spanischen Provinzen des römischen Reiches von Augustus bis Diokletian. Weisbaden: Steiner.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M. (1972) – Las termas romanas de Alange. «Habis», vol. 3, pp. 267-290.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M. (1973) – Alange y sus termas romanas. «Revista de Estudios Extremeños», vol. 29:3, pp. 445-494.

ANDREU PINTADO, J. (2010) – Indigenismo y romanización en Lusitania: sobre el culto a las divinidades salutíferas acuáticas. In GORGES, J.-G.; NOGALES BASARRATE, T., eds. – Naissance de la Lusitanie Romaine (I^{er} av. – I^{er} ap. J. C.). Toulouse; Mérida, pp. 185-209.

ANDREU PINTADO, J. (2012) – Aspectos sociales del culto a las aguas en Hispania: las dedicaciones a las Nymphae. In BOST, J.-P., dir. – L'eau: usages, risques et representations dans le Sud-Ouest de la Gaule et le Nord de la péninsule Ibérique, de la fin de l'âge du Fer à l'Antiquité tardive (II^e s. a. C.-VI^e s. p. C.). Pessac, pp. 349-365

ANDREU PINTADO, J.; CABRERO, J.; PEREX AGORRETA, M.; MIRO I ALAIX, C.; HERNANDO GRANDE, A.; FRADE, H.; MARTIN-ESCORZA, C. (2010) – El culto a las aguas en la Lusitania romana: novedades arqueológicas y epigráficas. «Bolletino di Archeologia On Line», vol. speciale, pp. 1-9. Disponível em <http://www.bollettinodiarcheologiaonline.beniculturali.it/documenti/general_e/1_ANDREU_E_ALTRI.pdf>. [Consulta realizada em 27/03/2018].

Année Épigraphique, L'. Paris (= AE).

ARAÚJO, P.; CID, J. Á.; DELGADO, I. (2012) – Caracterización hidrogeológica e xeotérmica da área termal das Burgas. In EGUILETA, J. M.; RODRÍGUEZ CAO, C., coord. – Aqua Divi Vrbs: água, deuses e cidade. Ourense, pp. 15-27.

BEJARANO, V. (1987) – Hispania Antigua, según Pomponio Mela, Plinio el Viejo y Claudio Ptolomeu. Barcelona.

BOULVERT, G. 1974 – Domestique et fonctionnaire sous le Haut-Empire romain: la condition de l'affranchi et de l'esclave du prince, Paris.

CABALLOS RUFINO, A. (1990) – Los senadores hispanorromanos y la romanización de Hispania (siglos I-III): I, prosopografía. Ecija.

CARMONA BARRERO, J. D. (1999), Aquae: análisis del desarrollo histórico-arquitectónico de Alange y sus baños romanos, Almendralejo.

CARMONA BARRERO, J. D.; CALERO CARRETERO, J. Á. (2014) – Recrear para entender: una propuesta de reconstrucción de las termas de Alange (Badajoz). In ÁLVAREZ, J. M.; NOGALES, T.; RODÀ, I., eds. – Actas del XVIII Congreso

Internacional Arqueología Clásica: centro y periferia en el mundo Clásico, I, Mérida, vol. 1, pp. 165-166.

CARNEIRO, S. (2017) – New data from the Roman healing spa of Aquae Flaviae (Chaves, Portugal). In MATILLA SÉQUER, G.; GONZÁLEZ SOUTELO, S., eds. – Termalismo antiguo en Hispania: un análisis del tejido balneario en época romana y tardorromana en la península ibérica (Anejos de AEspA; LXXVIII). Madrid, pp. 65-94.

CHRISTOL, M.; DEMOUGIN, S. (1990) – De Lugo à Pergame: la carrière de l'affranchi Saturninus dans l'administration impériale. «Mélanges de l'École française de Rome – Antiquité», vol. 102:1, pp. 159-211.

CUNTZ, O., ed. (1990) – Itineraria Antonini Augusti et Burdigalense. Stuttgart.

DÍEZ DE VELASCO, F. (1985) – Balnearios y dioses de las aguas termales en la Galicia romana. «Archivo Español de Arqueología», vol. 58, pp. 69-98.

DÍEZ DE VELASCO, F. (1998) – Termalismo y religion: la sacralización del agua termal en la P. Ibérica y el Norte de África en el mundo antiguo. Madrid.

DOMERGUE, C. (1990) – Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'antiquité romaine. Roma.

DURY-MOYAERS, G.; RENARD, M. (1981) – Aperçu critique de travaux relatifs au culte de Junon. In «Aufstieg und Niedergang der römischen Welt II», vol. 17:1, pp. 142-202.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2011) – Viver, filosofar... viver!. In GARCÍA BLANCO, M. J.; AMADO RODRÍGUEZ, T.; MARTÍN VELASCO, M. J.; PEREIRO PARDO, A.; VÁZQUEZ BUJÁN, M. E., eds. – Ἀντίδοπον: homenaje a Juan José Moralejo. Santiago de Compostela, pp. 165-174.

ESPINOSA, D. (2013) – La Historia Natural de Plinio el Viejo: un proyecto 'augusteo' de época Flavia. In CID LÓPEZ, R. M.; GARCÍA FERNÁNDEZ, E., eds. – Debita verba: Estudios en homenaje al Profesor Julio Mangas Manjarrés, Oviedo, vol. 1, pp. 671-684.

FAGAN, G. G. (1999) – Bathing in public in the Roman world. Ann Arbor.

FRADE, H. (1993) – Termas medicinais de época romana em Portugal. In II Congresso Peninsular de História Antiga: actas. Coimbra, p. 873-900.

GARCIA, J. M. (1991) – Religiões antigas de Portugal: aditamentos e observações às Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos: fontes epigráficas. [Lisboa] (= RAP).

GARCÍA MERINO, C. (1973) – Las tierras del NO de la península Ibérica: foco de atracción para los emigrantes de la Meseta en época romana. «Hispania Antiqua», vol. 3, p. 9-28.

GÓMEZ-PANTOJA, J. (1997) – Agua saludable y buenos pastos: recursos y visitantes de un área apartada en época romana. In PERÉX AGORRETA M. J., ed. – Termalismo antiguo: I Congreso peninsular: actas. Madrid, p. 277-281.

GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, M. C. (2012) – As dedicacións a Revve Anabaraego no marco da relixión romana provincial da época altoimperial. In EGUILLETA, J. M.; RODRÍGUEZ CAO, C., coord. – Aqua Divi Vrbs: água, deuses e cidade. Ourense, pp. 59-81.

GONZÁLEZ SOUTELO, S. (2011) – El valor del agua en el mundo antiguo: sistemas hidráulicos y aguas mineromedicinales en el contexto de la Galicia romana. A Coruña.

GONZÁLEZ SOUTELO, S. (2012a) – Thermal Spas in the Roman Age: An approximation to the architectonic configuration of baths with mineral-medicinal water in Hispania. In KREINER, R.; LETZNER, W., eds. – *Sanitas per Aquam: Tagungsband des Internationalen Frontinus-Symposiums zur Technik- und Kulturgeschichte der antiken Thermen* (Aachen. March 18-22, 2009). Leuven; Paris, pp. 79-88.

GONZÁLEZ SOUTELO, S. (2012b) – Los establecimientos de aguas mineromedicinales en el mundo romano: un modelo de estudio aplicado al NW de la Península Ibérica. In BOST, J.-P., dir. – *L'eau: usages, risques et représentations dans le Sud-Ouest de la Gaule et le Nord de la péninsule Ibérique, de la fin de l'âge du Fer à l'Antiquité tardive* (IIe s. a. C.-VIe s. p. C.). Pessac, pp. 321-332.

GONZÁLEZ SOUTELO, S. (2012-2013) – Los balnearios romanos en Hispania: revisión y puesta al día de los principales yacimientos con aguas mineromedicinales en España. «*Anales de Arqueología Cordobesa*», vol. 23-24, pp. 175-200.

GONZÁLEZ SOUTELO, S. (2013) – El balneario romano de Baños de Montemayor (Cáceres): descripción arqueológica de un complejo termal salutarífico de época romana. «*Zephyrus*», vol. 71, pp. 223-236.

GONZÁLEZ SOUTELO, S. (2014) – Medicine and Spas in the Roman period: The role of doctors in establishments with mineral-medicinal waters. In MICHAELIDES, D., ed. – *Medicine in the Ancient Mediterranean World*. Oxford; Philadelphia, pp. 200-210.

GRUPO TEMPE (2009) – Los dioses del Olimpo. Madrid: Alianza Editorial.

GUERRA, A. (1998) – Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular. Lisboa. Tese de Doutoramento.

GUILLÉN, J.; ARGUDO, F. (2004) – Epigramas de Marco Valerio Marcial. Segunda edición. Zaragoza.

HALEY, E. W. (1991) – *Migration and economy in Roman Imperial Spain*. Barcelona.

Hispania Epigraphica. Madrid (= HEp).

HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A.; EIDINOW, E., eds. (2012) – *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford (= OCD).

HÜBNER, E. (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berolini (= CIL II).

HÜBNER, E. (1892) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae. Supplementum*. Berolini (= CIL II).

HÜBNER, E. (1903) – *Additamenta noua ad corporis uolumen II. «Ephemeris Epigraphica»*, vol. 9, p. 12-185 (= EE IX).

- HURTADO DE SAN ANTONIO, R. (1977) – Corpus provincial de inscripciones latinas: Cáceres. Cáceres (= CPILC).
- ISRAELOWICH, I. (2015) – Patients and Healers in the High Roman Empire. Baltimore.
- JACKSON, R. (1990) – Waters and Spas in the Classical World. In PORTER, R., ed. – The Medical History of Waters and Spas: Medical. London, pp. 1-13.
- JONES, W. H. S., ed. (1963) – Natural History, Volume VIII: Books 28-32. Cambridge; London.
- LÓPEZ BARJA, P.; RÚA CARRIL, V. (2011) – Vicarius en un nuevo altar a Edouius de Caldas de Reis (Pontevedra). «Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik», vol. 177, pp. 298-302.
- LORENZO FERNÁNDEZ, J. (1968) – Inscripciones romanas de Galicia, IV: Provincia de Orense. Santiago de Compostela: Instituto Padre Sarmiento de Estudios Gallegos (= IRG IV).
- LÖRINCZ, B. (1999) – Onomasticon Prouinciarum Europae Latinarum. Wien: Forschungsgesellschaft Wiener Stadtarchäologie. Vol. 2: Cabalicius – Ixus (= OPEL 2).
- MACIEL, M. J., ed. (2006) – Vitruvius: tratado de Arquitectura. Lisboa.
- MIRÓ I ALAIX, M. T.; MIRÓ I ALAIX, C. (1997) – Los tratamientos hidroterápicos en los textos clásicos. In PERÉX AGORRETA M. J., ed. – Termalismo antiguo: I Congreso peninsular: actas. Madrid, pp. 211-216.
- PÉREZ LOSADA, F. (2002) – Entre a cidade e a aldea: estudo arqueohistórico dos aglomerados secundários romanos em Galicia. A Coruña.
- PRÓSPER, B. M. (2009) – Reve Anabaraeco, divinidad acuática de las Burgas (Orense). «Palaeohispanica», vol. 9, pp. 203-214.
- QUEIROGA, F. (2013) – Algumas notas sobre a arqueologia da área urbana de Vizela. «Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património», vol. 12, pp. 181-201.
- REDENTOR, A. (2010) – Aproximação a um esboço social da área mineira romana da serra da Padrela (Tresminas e Campo de Jales). In MARTINS, C., coord., Mineração e povoamento na Antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental. Porto, pp. 121-162.
- REDENTOR, A. (2013) – Testemunhos de Revve no Ocidente brácario. «Palaeohispanica», vol. 13, pp. 219-235.
- REDENTOR, A. (2017a) – A cultura epigráfica no conuentus Bracaraugustanus: percursos pela sociedade brácara da época romana. Coimbra.
- REDENTOR, A. (2017b) – Práticas epigráficas e termalismo terapêutico no Noroeste da Hispânia na época romana. In MATILLA SÊIQUER, G.; GONZÁLEZ SOUTELO, S., eds. – Termalismo antiguo en Hispania: un análisis del tejido balneario en época romana y tardorromana en la península ibérica (Anejos de AEspA; LXXVIII). Madrid, pp. 467-483.

RODRÍGUEZ CAO, C.; CORDEIRO MAAÑÓN, L. (2012) – As Burgas de Ourense: contexto histórico-arquológico. In EGUILETA, J. M.; RODRÍGUEZ CAO, C., coord. – *Aqua Divi Vrbs: água, deuses e cidade*. Ourense, p. 83-119.

RODRÍGUEZ COLMENERO, A. (1997) – *Aquae Flaviae*, 1: fontes epigráficas da Gallaecia meridional interior. Chaves (= *AquaeFlaviae*²).

ROLDÁN HERVÁS, J. M. (1968-1969) – Fuentes antiguas para el estudio de los Vettones. «*Zephyrus*», vol. 19-20, pp. 73-106.

RÜPKE, J. (2007) – *The Religion of the Romans*. Oxford.

RÜPKE, J.; GLOCK, A. (2005) – *Fasti sacerdotum: die Mitglieder der Priesterschaften und das sakrale Funktionspersonal römischer, griechischer, orientalischer und jüdisch-christlicher Kulte in der Stadt Rom von 300 v. Chr. bis 499 n. Chr*, Teil 2: Biographien. Stuttgart (= *Fasti sacerdotum*).

SAMAMA, É. (2015) – Sources chaudes et eau médicale: un thermalisme grec? In SCHEID, J.; NICOU, M.; BOISSEUIL, D.; COSTE, J. – *Le thermalisme: approches historiques et archéologiques d'un phénomène culturel et medical*. Paris, pp. 13-30.

SASTRE PRATS, I.; OREJAS, A. (2000) – Las aristocracias locales y la administración de las minas. In SÁNCHEZ-PALENCIA, F.-J., ed. – *Las Médulas (León): un paisaje cultural en la Asturia Augustana*. León, pp. 284-306.

SCHEID, J. (1990) – *Le collège des Frères Arvales: étude prosopographique du recrutement: 69-304*. Roma.

SCHEID, J. (1992) – Epigraphie et sanctuaires guérisseurs en Gaule. «*Mélanges de l'École française de Rome – Antiquité*», vol. 104:1, pp. 205-214.

SCHEID, J. (2015) – Lieux de culte et pratiques salutaires dans l'Antiquité romaine. In SCHEID, J.; NICOU, M.; BOISSEUIL, D.; COSTE, J. – *Le thermalisme: approches historiques et archéologiques d'un phénomène culturel et medical*. Paris, pp. 31-44.

SERRANO DELGADO, J. M. (1988) – *Status y promoción social de los libertos en Hispania romana*. Sevilla.

TALBERT, R. J. A., ed. (2000) – *Barrington Atlas of the Greek and Roman World*. Princeton (N. J.) [etc.] (= BA).

TRANOY, A. (1981) – *La Galice romaine: recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris.

UNIÓN ACADÉMICA INTERNACIONAL TABULA IMPERII ROMANI, COMITÉ ESPAÑOL (1991) – Hoja K-29: Porto, Conimbriga-Bracara-Lucus-Asturica sobre la base cartográfica del mapa a escala 1:1.000.000 del IGN. Madrid (= TIR, K-29).

YEGÜL, F. (1996) – The Thermo-Mineral Complex at Baiae and De Balneis Puteolanis. «*The Art Bulletin*», vol. 78:1, pp. 137-161.

YEGÜL, F. (2010) – *Bathing in the Roman World*. New York.